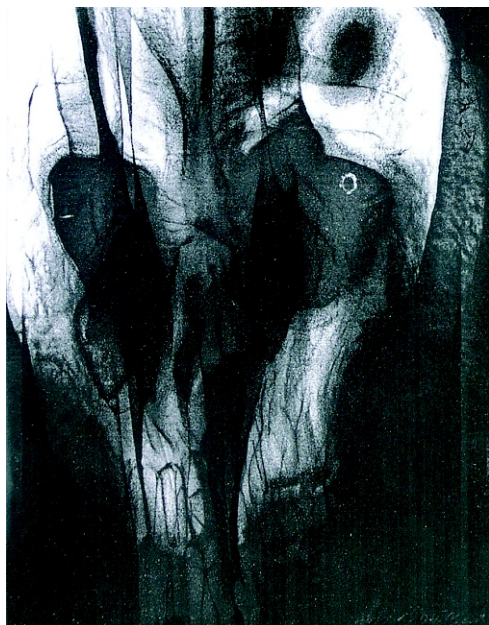


Ana Leonor Pereira  
João Rui Pita  
[Coordenação]

# Miguel Bombarda <sup>[1851-1910]</sup> e as singularidades de uma época



(Página deixada propositadamente em branco)

Ana Leonor Pereira  
João Rui Pita  
(Coordenação)

# FOLHA DE ROSTO

**Miguel Bombarda (1851-1910)**  
**a as singularidades de uma época**

## Coordenação Científica da Coleção Ciências e Culturas

João Rui Pita e Ana Leonor Pereira

Os originais enviados são sujeitos a apreciação científica por *referees*

## Coordenação Editorial

Maria João Padez Ferreira de Castro

## Edição

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: [impresauc@ci.uc.pt](mailto:impresauc@ci.uc.pt)

URL: <http://www.imp.uc.pt> • Normas de publicação de coleções

## Design

António Barros

## Pré-Impressão

António Resende

Imprensa da Universidade de Coimbra

## Capa

António Dantas. *Sem título*, 2002. Col. António Barros. Coimbra

## Impressão e Acabamento

SerSilito • Maia

## ISBN

978-989-8074-11-9

## Depósito Legal

.....

Obra publicada com a colaboração de:



Obra publicada com o apoio de:

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

© Agosto 2006, Imprensa da Universidade de Coimbra

Vítor Albuquerque Freire

*Hospital Miguel Bombarda, Lisboa, Portugal*

## MIGUEL BOMBARDA: A FUNÇÃO E A FORMA EM ARQUITECTURA

O Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda constitui um edifício de excepcional valor arquitectónico e histórico. Essa qualidade foi recentemente reconhecida pelo IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico) ao considerá-lo «imóvel em vias de classificação», passo decisivo no caminho exigido até à classificação definitiva, que se espera publicada a breve trecho – juntamente com a classificação do Balneário, de 1853, a primeira construção do país para tratamento psiquiátrico. A iniciativa da candidatura partiu do próprio Hospital, apoiada em estudo histórico circunstanciado. Esta conferência assenta na pesquisa efectuada para esse estudo<sup>1</sup> mas acrescenta outros elementos e perspectivas, fruto de recente investigação.

O edifício, onde funcionou a 8ª Enfermaria até Outubro de 2000, deverá ser objecto de obras de conservação e restauro, e em boa hora o Conselho de Administração do Hospital decidiu ainda a instalação de uma Enfermaria-Museu nesse espaço, preservando a sua identidade específica e abrindo o Pavilhão de Segurança ao estudo e fruição do público, enquanto vivência da arquitectura-arte.

A Lei Sena, de 4 de Julho de 1889, que instaurou as bases da assistência psiquiátrica em Portugal, estipulava a abertura de enfermarias especiais no então designado Hospital de Rilhafolles para «recolher e tratar» os «alienados criminosos». E o Prof. Miguel Bombarda, pouco depois de tomar posse em 1892 como director do hospital, consegue ver aprovada a construção de um edifício destinado a esses doentes, geralmente transferidos da Penitenciária Central de Lisboa. São loucos perigosos, capazes de assassinar guardas ou tentarem uma evasão, individualmente ou em grupo, refere Bombarda, justificando o edifício, que garantiria a separação desses doentes criminosos dos outros doentes e o controle eficaz da sua reclusão.

O projecto é realizado em 1892, autorizada a obra em Março de 1893 e iniciada a construção neste ano, prolongando-se até 1896, quando a enfermaria entrou em funcionamento. Miguel Bombarda no relatório «O Hospital de Rilhafolles e seus serviços em 1892 e 1893», documento brilhante de estratégia hospitalar, descreve

---

<sup>1</sup> Freire, Vítor de Albuquerque, *Candidatura a Imóvel Classificado. Balneário (1853) e Pavilhão de Segurança - 8ª Enfermaria (1896). Memória Justificativa*, Lisboa, Hospital Miguel Bombarda, 1999, (policopiado).

com algum destaque o projecto do Pavilhão de Segurança, comprovando a atenção que lhe dedicou.<sup>2</sup>

Mais tarde o Prof. Sobral Cid, ao avaliar a acção de Bombarda em Rilhafoles, julgaria o Pavilhão de Segurança «talvez a menos feliz das suas criações».<sup>3</sup> O anátema do asilo psiquiátrico-cárcere persistia e o edifício, quase maldito, seria geralmente olhado como um excesso incómodo. No entanto, ele foi consequência do mesmo espírito de rigor do homem que entre 1892 e 1910 promoveu um regime menos traumático para os doentes mentais em Rilhafoles, ao eliminar as cadeiras fortes, ao interditar os abusos do pessoal ou ao beneficiar substancialmente as condições de conforto.<sup>4</sup>

Porventura, só uma figura com a coragem e a frontalidade de um Miguel Bombarda poderia ter assumido sem complexos a paternidade de uma prisão-enfermaria, aliás decorrente da legislação penal. A ele se devem o edifício e sem dúvida muitos dos requisitos transmitidos ao arquitecto. Que não se estranhe portanto vermos o seu nome ligado já não à medicina, ao debate social e filosófico, à acção política, ou mesmo à direcção de hospitais, mas a uma disciplina de saber e arte como é a arquitectura, também dependente da sociedade e das mentalidades.

O Pavilhão de Segurança compõe-se de um Corpo Circular com pátio interior, o espaço de reclusão, e de um Corpo Rectangular, espaço de enfermagem, de apoio e de entrada, como se pode observar na planta publicada por Bombarda em 1894. O Corpo Circular é constituído por 20 Células individuais e por 6 Dormitórios de 2/3 camas, com modulação equivalente a duas Células, perfazendo uma lotação de 32/38 camas. Ladeando o vasto pátio, sobressaindo do círculo em implantação rectangular, situa-se à esquerda o Refeitório e, simetricamente, à direita, a Sala de Reunião. Do lado oposto à entrada e integrando o círculo situa-se a zona de higiene pessoal: a Casa de Banhos, a Retrete e o Lavatório.

O Corpo Circular possui estreitas e altas janelas gradeadas, ou melhor, frestas, e só dispõe de um ponto de comunicação com o exterior, através de um portão de ferro, na intersecção da parede circular interna e de uma passagem coberta, que estabelece ligação com o Corpo Rectangular, onde por sua vez se localiza a única porta de entrada de todo o conjunto. A planimetria em círculo e o acentuado geometrismo logo sugerem uma ideia geral de racionalidade aplicada ao edifício.

Tanto os vãos das portas como os bancos do bloco circular de reclusão são arredondados, desprovidos de arestas e vértices, cumprindo a finalidade, ou função, de evitar contusões em doentes agitados. No centro do pátio, segundo a planta e a descrição de Bombarda de 1894, antes de o edifício ser concluído, previa-se um «kiosque com foco calorífico», «destinado a abrigo do velante, que daí facilmente inspeciona o pavilhão inteiro».<sup>5</sup> O projecto de 1892 e as peças desenhadas datadas de 1894, por

---

<sup>2</sup> Bombarda, Miguel, *O Hospital de Rilhafoles e os seus serviços em 1892-1893*, Lisboa, Medicina Contemporânea, 1894, pp. 12 e 13.

<sup>3</sup> Cid, Sobral, *O Professor Miguel Bombarda. A sua carreira e a sua obra de alienista*, Lisboa, Faculdade de Medicina de Lisboa, 1925, p. 9.

<sup>4</sup> Sobre o período da direcção de Miguel Bombarda em Rilhafoles veja-se também Oliveira, J. F. Reis de, *Rilhafoles e a Acção do Professor Miguel Bombarda*, Lisboa, Hospital Miguel Bombarda, 1983.

<sup>5</sup> In Bombarda, Miguel, *Ob. Cit.*, p. 13.

nós descobertas no decorrer da investigação, também previam uma torre de vigilância octogonal, de ferro e vidro, aí denominada «miradouro». O que nos remete para os modelos arquiteturais panópticos adoptados sobretudo em edifícios prisionais.

Formas concebidas para se ajustarem a finalidades bem específicas, sistemas de disposição dos espaços para permitir a vigilância, edifícios símbolos de racionalidade. Importa alargarmos um pouco a análise para melhor entendermos o Pavilhão de Segurança.

Os conceitos de «forma» e de «função» percorreram grandes debates da arquitectura e quase sempre subjazem a toda a criação arquitectónica. É um lugar comum um tanto simplista, mas uma verdade sempre actual, dizer-se que uma boa arquitectura é aquela que alia a beleza à utilidade, e que sem um destes requisitos a arte de edificar será medíocre. Um edifício pode possuir uma forma bela e inovadora mas não servir a função para que foi construído. E o inverso também sucede: um edifício pode ser funcional mas esteticamente desagradável.

As escolas funcionalistas que se desenvolveram no século XIX pugnam pelo desiderato de a arquitectura se adequar por um lado às novas necessidades humanas decorrentes da revolução industrial, e por outro, à rápida evolução das técnicas construtivas, inventando novos estilos e libertando-se das amarras do classicismo e do historicismo dominantes. Um dos mais famosos princípios funcionalistas foi enunciado precisamente na última década desse século – a época de Miguel Bombarda, a época do Pavilhão de Segurança – em 1895-1896, pelo arquitecto norte-americano Louis Sullivan (1856-1924), um pioneiro da Arte Nova e da construção de arranha-céus.

Dissertando sobre os edifícios que projectava, considerou Sullivan, algo influenciado pelas teorias de evolução e transformação das espécies, que assim como na natureza também na arquitectura a forma segue a função. Tal como as formas dos animais e das plantas surgiram das funções inerentes à sua vida, também tendencialmente, não de modo mecânico, a arquitectura encontraria novas formas adequadas ao aparecimento das novas funções. A «forma segue a função», ou, «a função gera a forma», dizia Louis Sullivan, afirmação que iria suscitar discussões teóricas por muitos anos.<sup>6</sup>

Além dos recentes materiais e técnicas, posteriormente seriam englobadas no conceito de função outras finalidades, como a simbologia pretendida e até mesmo a beleza. Um princípio de múltiplos significados e ilações, explicando quer as formas gerais e a organização dos espaços, quer a génese das linguagens formais e dos estilos, como as do modernismo. Um princípio por vezes redutor, no entanto fundamental para «pensar a arquitectura».

Noutra época de viragem, do iluminismo, da revolução industrial inglesa, das revoluções americana e francesa, os ideais racionalistas e reformadores encontram eco na arquitectura. O círculo será entendido por alguns como a forma absolutamente perfeita, expressão e símbolo da razão e da ciência: elaboram-se projectos circulares que todavia não seriam construídos, como o hospital circular de Paris (1785), de Poyet, ou o fantástico cenotáfio esférico para Newton (c. 1784), de Boullée.

---

<sup>6</sup> Sobre Louis Sullivan veja-se, nomeadamente: Frazier, Nancy, *Louis Sullivan and the Chicago School*, Nova York, Crescent Books, 1991; Chaitkin, William, «Louis Sullivan», in *Art Nouveau Architecture*, Dir. Frank Russell, Nova Iorque, Arch Cape Press, 1986, pp. 265-273.

E Jeremy Bentham (1748-1832), jurista e filósofo reformador inglês, arquitecto utópico, concebe a partir de 1786 o sistema panóptico, um modelo complexo de prisão circular, o «Panopticon», literalmente «visão total», designado igualmente de «casa de inspecção». As celas implantavam-se junto à parede circular externa em 4 ou 6 andares, eram providas de portas gradeadas para que o recluso fosse visto, e o conjunto dava para um espaço central coberto onde se situavam a capela e galerias circulares de inspecção,<sup>7</sup> ou mais tarde uma torre central. Movimentando-se nas galerias de inspecção, ocultadas por cortinados ou estores, o vigilante inspecionava as dezenas de celas e a actividade dos reclusos no seu interior, mas sem ser visto por estes. Deste modo, a forma circular optimizava a função vigilância. Visava-se também o conforto do recluso, pois cada cela dispunha de sanitários e, antecipando as futuras tecnologias, devia dispor de condicionamento de ar através de condutas de aquecimento e de ventilação. O «Panopticon» seria uma máquina de vigiar, mas ainda uma máquina para regenerar os comportamentos, acompanhados pela permanente observação.

Nenhum projecto de Bentham foi concretizado mas o sistema inspirou principalmente a arquitectura prisional, embora os edifícios circulares fossem raros. Mencione-se a penitenciária da Pensilvânia, de 1826, demolida em 1833. Mais tarde as penitenciárias de Dinant, na Bélgica, e a de Arnhem, na Holanda, de 1884, esta com 200 celas em 4 andares e um recinto coberto de 45 metros de diâmetro. A última, e que levava ao extremo o sistema, a penitenciária de Statesville, Illinois, E.U.A., em actividade desde 1919, com 4 enormes pavilhões, cada um dispo de torre de inspecção ao centro. As prisões panópticas, nas suas variantes, foram sendo sucessivamente desaprovadas pelas autoridades e pela opinião pública: barulhentas e escuras, sem privacidade, e mesmo desumanas e medonhas.<sup>8</sup> Em suma, um modelo impraticável. O sistema seria depois interpretado ao limite por Michel Foucault como um laboratório polivalente para a amplificação do poder,<sup>9</sup> num texto célebre e preocupante.

O panóptico evoluiu para a planta radial, ou sistema John de Havilland, em que diversos corpos rectangulares se distribuíam a partir de um ponto central, facilitando o controle e as circulações – disposição panóptica dos blocos radialmente distribuídos. Bernardino António Gomes (1806-1877), clínico eminente e activo defensor da criação de hospitais para alienados em Portugal, visitou um asilo psiquiátrico desse tipo em Glasgow, referido na obra dedicada a essas instituições publicada em 1844, quatro anos antes da fundação do Hospital de Rilhafoles.<sup>10</sup> No país é exemplo desse sistema a modelar penitenciária de Lisboa (1874-1885), com as suas 568 celas, da autoria do Eng. Ricardo Júlio Ferraz<sup>11</sup>.

---

<sup>7</sup> O «Panopticon» é frequentemente referido mas nem sempre com exactidão. Veja-se o projecto legendado de Bentham, de 1791, publicado em Bergdoll, Barry, *European Architecture, 1750-1890*, Londres, Oxford University Press, 2000, p. 94.

<sup>8</sup> Fairweather, Leslie «The evolution of the prison», in *Prison Architecture*, United Nations Social Defense Institute, dirigido por Giuseppe di Gennaro, Londres, Architectural Press, s.d., pp. 29 e 30.

<sup>9</sup> Foucault, Michel, *Vigiar e Punir*, trad. da 1ª edição francesa de 1975, Petrópolis, Editora Vozes, 1997, pp. 162-172.

<sup>10</sup> Gomes, Bernardino António, *Dos Estabelecimentos de Alienados nos Estados Principais da Europa*, Lisboa, 1844, pp. 100 e 102.

<sup>11</sup> Lima, Rodrigues, *Arquitetura Prisional*, Lisboa, s.d., pp. 19-21.



Associa-se o panóptico à arquitectura prisional mas Bentham propunha o «Panopticon» para todas as instituições onde a observação das pessoas fosse relevante: lares para pobres, órfãos e cegos; prisões, casas de correção, asilos psiquiátricos, hospitais, fábricas, escolas e infantários.<sup>12</sup> O hospital de Anvers, um dos primeiros a aplicar o panóptico, no século XIX, dispunha de enfermarias circulares de pisos sobrepostos, com 18 camas ao redor, localizando-se ao centro o posto de enfermagem.<sup>13</sup> Actualmente em alguns hospitais há serviços que têm forma idêntica, por requererem visualização constante dos doentes, como as UCI, Unidades de Cuidados Intensivos, usualmente de 4 a 10 camas.

Retomemos a nossa leitura interpretativa do Pavilhão de Segurança. O Corpo Rectangular desdobra-se em 5 salas e 2 átrios: um primeiro átrio de entrada, um segundo átrio maior, com acesso às salas de apoio e que Bombarda também destinava a sala de visitas, e em frente, sempre em linha axial desde a porta de entrada, o corredor-passagem que termina no portão de ferro fundido, único acesso ao espaço de reclusão. O elevado pé-direito e as abundantes 14 janelas seguem as normas de arejamento prevalecentes na arquitectura hospitalar da segunda metade do século XIX.<sup>14</sup> No seu todo a arquitectura do Corpo Rectangular é vulgar, de cunho neo-clássico, simples mas digna.

Transpondo o portão de ferro entra-se directamente para o pátio, por onde se estabelecem todas as comunicações do Corpo Circular. O efeito surpresa é assinalável, em todos os visitantes: um pátio quase praça de 32 metros de diâmetro, uma tranquilidade de um mundo à parte, uma doce zona verde com diversas árvores cercada por alta parede de quase 6 metros, à volta um passeio, fortes portas prisionais numeradas, no seu intervalo bancos de estar, protegidos por um alpendre.

No centro do pátio-jardim encontra-se hoje um pequeno e improvisado lago, talvez dos anos 60. Documentos fotográficos revelam a coexistência desse lago com uma horta cultivada pelos doentes, onde agora estão relva e árvores. Uma interessante fotografia aérea de 1948 mostra um ordenado jardim concêntrico, provavelmente arranjado aquando das comemorações do 1º centenário do hospital. Teria sido erguido o Quiosque ou torre de inspecção no centro do recinto, previsto na planta e no texto publicados por Bombarda em 1894? Durante muitos anos duvidou-se no hospital da sua construção apesar de se contarem estórias de guardas armados, numa guarita do pátio ou movendo-se pelo topo do telhado ...

Uma fotografia publicada em 1899<sup>15</sup> que a investigadora Lúzia Villarinho Pereira prestimosamente nos deu a conhecer, vem provar que esse Quiosque integrava o edifício inicial. Ao que tudo indica de ferro e vidro, octogonal, com 7 janelas e porta, e base em alvenaria à qual se acedia por 3 degraus. Semelhante aos quiosques disseminados por Lisboa, embora sem cúpula, de janelas quadrangulares e talvez menos decorado. Não conseguimos determinar quando terá sido demolido nem os motivos invocados.

---

<sup>12</sup> McKean, John Maule «The First Industrial Age», in *Architecture of the Western World*, Dir. Michael Raeburn, Londres, Orbis Publishing, 1980, p. 203.

<sup>13</sup> Bridgman, R. F., *L'Hopital et la Cité*, Paris, Editions du Cosmos, 1963, p. 130.

<sup>14</sup> No final do século XIX Costa Simões publicou em Portugal uma obra dedicada às recentes tendências da arquitectura hospitalar: Simões, A. A. de Costa, *Construções Hospitalares (Noções Gerais e Projectos)*, com referência aos Hospitais da Universidade, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1890.

<sup>15</sup> *Brasil Portugal*, ano I, nº 20, 16 de Novembro de 1899, Lisboa, p. 5.

A existência desta torre vem confirmar a influência do sistema panóptico na concepção geral do Pavilhão de Segurança.<sup>16</sup> Mas estamos perante uma influência parcial ou perante um panóptico suavizado ou mitigado, provavelmente condicionado por razões clínicas, e até submetido a características do país: o pátio coberto é aqui uma praça ao ar livre, com bancos de estar junto à porta das células, traduzindo a cultura, modo de habitar e clima nacionais; o edifício é de um só piso; as portas são de madeira e não gradeadas, proporcionando privacidade aos doentes.

A praça deve corresponder às ideias de Miguel Bombarda sobre a necessidade de os doentes passearem diariamente ao ar livre: por um lado os espaços abertos beneficiavam o seu estado mental, por outro, enquanto os doentes passeavam, as enfermarias eram «ventiladas», prevenindo-se a propagação de doenças transmissíveis (cuja cura se desconhecia), de modo a diminuir a elevada mortalidade.<sup>17</sup> Para o que instituiu em Rilhafoles as «alamedas de passeio», arborizadas e com dois enormes telheiros de madeira e telha, um dos quais, com 40 m de extensão e 8,5 m de altura, e que ainda se conserva, era protegido no inverno a três faces por grandes telas alcatroadas.<sup>18</sup> E talvez Bombarda seguisse Esquirol, o grande alienista francês, que havia aconselhado edifícios de piso único para os asilos psiquiátricos.

No entanto, a opção pela forma circular, expressão de racionalidade absoluta e ideal, e aqui cumprindo igualmente uma função simbólica a par da função vigilância, deve ter constituído um atractivo para o Prof. Miguel Bombarda, homem de ciência num tempo em que a ciência parecia tudo vencer, mas além disso um fervoroso materialista radical, adepto de uma sociedade perfeita e liberta do obscurantismo, tido como o maior dos males. O edifício reflecte assim o pensamento de Bombarda, não só clínico como até social.

Em resultado, o Pavilhão dos «alienados criminosos» afastou-se da máquina panóptica de Bentham. As células e os dormitórios são como que pequenas casas térreas, do campo ou das aldeias do sul, aqui dispostas em círculo, fechando uma praça. E o edifício é muito estreito, quase um anel, é mais praça que edifício. José Manuel Fernandes lembrará as parecências entre a tipologia do Pavilhão e a do claustro circular do Convento da Serra do Pilar, térreo e com galeria coberta ao redor.<sup>19</sup> Podemos também estabelecer comparação com a totalmente racional, lisa, e circular Torre-Farol do Bugio, na barra de Lisboa (finais séc. XVI – meados séc. XVIII),<sup>20</sup> dispondo de

---

<sup>16</sup> Numa comunicação sobre o panóptico, associado ao Pavilhão de Segurança (a primeira reflexão que conhecemos sobre o edifício), Conceição Trigueiros considerou que este representa «o casamento entre o panóptico e uma ideia de arquitectura mediterrânica» e considera a influência de Esquirol, que defendia asilos psiquiátrico de um só piso. Trigueiros, Conceição, *8ª Enfermaria e plano panóptico: o espaço geométrico ou o sistema da utopia*, Comunicação nas Jornadas de Psiquiatria Forense, Lisboa, 1997, (policopiado), pp. 5 e 6.

<sup>17</sup> Bombarda, Miguel, *Ob. Cit.*, p. 28.

<sup>18</sup> Idem, *Ibidem*, p.13.

<sup>19</sup> Fernandes, José Manuel, «Miguel Bombarda», *Expresso*, Lisboa, 2 de Setembro de 2000, Revista, secção Qualidade de Vida, Arquitectura, Lisboa, p. 73.

<sup>20</sup> A planta de 1797 foi publicada em *A Engenharia Militar e a Construção, 350 anos*, Catálogo da Exposição, Lisboa, Regimento de Engenharia nº 1, 1997, p. 26.

pátio interior e de uma estreita torre cilíndrica no centro deste, redonda para resistir à artilharia e ao mar, e com visão do centro para o horizonte e do horizonte para o centro, uma «visão total» sobre as águas.

Inicialmente o pátio-praça era um seco terreiro, como demonstra a fotografia de 1899, sem qualquer ajardinamento e de aspecto desolador. A ambiência desse recinto circular, com o omnipresente Quiosque, seria decerto opressivo, bem diferente da serenidade depois proporcionada pelo jardim. Os utilizadores – ainda em tempo de Miguel Bombarda? – transformaram aqui a concepção original, em proveito da humanização, e afastando-se ainda mais dos modelos panópticos. Talvez a função definida se revelasse afinal errada ou mesmo irrealista, ou talvez a forma escolhida não servisse a função: de dia a maioria dos doentes-reclusos deambulava pelo pátio e o vigilante no Quiosque só observava o recinto e não os doentes em celas ou nos sanitários, de noite a maioria ou todas as portas estavam fechadas pelo exterior.

Os bancos arredondados, sem arestas e vértices, para evitar que os doentes agitados se ferissem, ou mesmo o pessoal de enfermagem e auxiliar, bordejam toda a parede circular interna, entre todas as portas. Evidenciam belo desenho inovador, maciço mas elegante. Os registos fotográficos revelam que a pintura da sua base, a azul, é recente, nos anos 70 era caiada a branco e anteriormente não era pintada. Encontram-se bancos de alvenaria ou de cantaria à porta de casas populares do campo, em especial em zonas do Ribatejo, curiosamente alguns pintados a azul.<sup>21</sup>

Não constam do projecto mas devem fazer parte da construção original pois são detectáveis na fotografia de 1899. Foram construídos num material inventado no século XIX, cimento misturado com areia e gravilha, o betão, diverso do betão armado com ferro que só se generalizará no século XX.<sup>22</sup> É um betão não rebocado, designado depois betão aparente, aqui alisado e possivelmente moldado, a revestir uma estrutura de cantaria. São soluções construtivas que será justo classificarmos de avançadas, num tempo em que o betão era encarado como um material não nobre, que até devia ser disfarçado. Só este material possibilitou e induziu a suave curvatura vanguardista do desenho dos bancos: o betão, enquanto «função», gerou uma nova «forma» de bom nível estético, a arquitectura adequou-se à época.

O Alpendre circular de ferro e zinco, pelos seus materiais é comum nas últimas décadas do século, muito empregue na Arquitectura do Ferro. Mas devia servir outras funções, além de abrigar do sol e da chuva. Explica-o assim Miguel Bombarda em 1894: «Na fachada da construção circular que deita para o pátio central implanta-se a grande altura um alpendre, não apoiado em colunas, mas sustentado por cima, de modo a torná-lo inacessível aos doentes».<sup>23</sup>

A cobertura de zinco assenta em 3 vigas circulares de ferro que rodeiam todo o pátio, a primeira das quais uma viga de maior secção suportada por 51 cachorros, e as outras duas, de estrutura em cinta, suspensas cada uma por 48 traves estreitas de ferro, soldadas à parede. Uma bela forma, e engenhosamente ajustada à função. E que

---

<sup>21</sup> Moutinho, Mário, *A Arquitectura Popular Portuguesa*, Lisboa, Estampa, 1979, p. 165.

<sup>22</sup> Sobre o processo de invenção e utilização do betão armado veja-se Ragon, Michel, *Histoire Mondiale de L'Architecture et de L'Urbanisme Modernes*, Paris, Casterman, 1972, T I, pp. 195-203.

<sup>23</sup> In Bombarda, Miguel, *Ob. Cit.*, p. 13.

no diálogo com a superfície da parede, ou com o passeio, proporciona um envolvente jogo de linhas curvas, particularmente em evidência quando caminhamos no recinto – a arquitectura é arte tridimensional e de movimento. Atente-se que só a exacta inclinação da cobertura cortaria visualmente a excessiva e até claustrofóbica altura do cilindro que é a parede circular interna, e, simultâneamente, dificultaria a evasão dos doentes-reclusos. E só um alpendre leve como este, e não outro, nomeadamente de madeira e telha, deixaria harmoniosamente perceber a forma circular predominante e a marcante traça das portas e dos bancos. Refira-se ainda que a sua forma, tão só estrutural, limpa de decoração, sugere o actual emprego de materiais análogos em arquitecturas africanas e australianas.

As Células – diríamos celas, mas Bombarda denomina-as «células de isolamento» – e os Dormitórios exibem detalhes notáveis, ditados por objectivos de rigorosa segurança ou mesmo de higiene. Em todas elas, assim como nas outras salas deste Corpo, as paredes divisórias são de espessura variável, aumentando da parede circular interna para a parede exterior, como é explicitado na planta. O que confere maior regularidade e ordem aos interiores (de 3,4 × 2,0 × 3,5 m), evitando paredes não paralelas, para lá de reforçar a estabilidade construtiva. O edifício-anel é pois um somatório de espaços-rectângulos, outra solução hábil e criativa, invulgar em plantas circulares.

O arredondamento dos vãos das portas é pronunciado e termina na moldura de cantaria, prevenindo contusões, como atrás dissémos, e talvez ainda com os objectivos de permitir a visualização dos doentes junto ao vão e de conferir à parede maior resistência ao choque. As fortes portas de madeira estão providas de: óculo circular para inspecção do interior, de grosso vidro; tranca de ferro com fechadura universal pelo exterior; fecho de reforço na parte inferior. A maioria das portas das Células possuem também uma portinhola para entrada de alimentos, com fechadura externa, posteriormente selada. Na parede, sobre cada uma das portas, uma fresta oval de ventilação, do lado oposto à fresta rectangular para o exterior, o que permitia o ar correr quando a porta estivesse fechada. Todas as portas, tanto das células como das outras salas que dão para o pátio-praça, são numeradas ou identificadas, contrariando parcialmente a perca do sentido de orientação que os edifícios circulares provocam.

Os pavimentos não são horizontais mas apresentam ligeiro declive, do fundo até à porta, e das paredes laterais para o centro, de modo a facilitar o escoamento da água das frequentes lavagens. Também no interior os vãos das portas são arredondados, de modo a evitar contusões, mas ainda alargando o campo de visão a partir do óculo, ou quando a porta fosse aberta – todas as portas abrem para fora, note-se. Provavelmente a iluminação eléctrica foi instalada após a construção, pois detectam-se vestígios de roços. O projecto inicial não a contempla e os documentos fotográficos são neste aspecto inconclusivos. A lâmpada foi colocada na fresta oval, protegida do interior por uma grade de chapa, e o interruptor instalado do lado de fora, junto à porta, dentro de uma pequena caixa de ferro embutida na parede, com fecho na tampa.

O Refeitório e a Sala de Reunião, diametralmente opostas em relação ao círculo, dispõem de altas janelas gradeadas nas três paredes dando para o exterior, exibindo risco inovador de equilibrada contenção, com arco abatido no vão superior. Estas salas dispõem ainda de iluminação zenital através de lanternim de madeira e vidro, que se eleva desde o centro de um tecto horizontal, suportado por vigas de madeira, o que confere a estas salas uma atmosfera calma e recolhida.

A Sala de Reunião possui um banco corrido junto às quatro paredes, de desenho arredondado idêntico aos do pátio. E, surpreendentemente, rodeando a sala, acima dos bancos, silhares de azulejos do século XVIII, ou XVII, enobrecendo e humanizando o espaço, de efeito agradável e original, mas dissonante. Azulejos de outro século não se coadunam com o traçado da sala, ao primeiro olhar crítico. Observação mais atenta esclarece que os azulejos, antigos, de diferentes tipos e provenientes de outro local, foram colocados segundo uma concepção diversa da usual. As figuras barrocas dos «putti» estão inseridas a intervalos regulares chocantemente no seio da repetição do padrão e até se sobrepondo à moldura: tal efeito só poderia ser propositado, uma vez que toda a seriação é inteiramente simétrica e cuidada. Trata-se sem dúvida de uma «colagem» em gesto «livre», e porventura eclético, face a essa arte decorativa da tradição portuguesa, uma desconstrução intencional da ortodoxia.

Da Casa de Banhos, Retrete e Lavatório, só esta última mantém os equipamentos iniciais. Da primeira restaram duas banheiras em pedra única, depois postas no pátio em jeito de floreiras. O Lavatório possui duas tinas laterais e todas as superfícies até meia altura encontram-se revestidas a azulejos do século XVIII.

De salientar a grande solidez de toda a construção do Corpo Circular, com as suas grossas paredes de alvenaria de cerca de 60 cm de espessura na parede circular interna e 90 cm na parede externa, aspecto realçado por Miguel Bombarda em 1894. Além de aumentar a segurança prisional, o objectivo seria a incombustibilidade do edifício, apontado explicitamente no projecto de 1892, que também indicava serem os tectos das células e dormitórios em abobadilha de ferro e tijolo e não em fasquiado. A parede circular que rodeia o pátio foi concebida com altura bastante superior à parede circular externa, de modo a impedir a fuga dos doentes-reclusos, e possibilitou a configuração de um telhado circular de uma só água. É outra solução criativa, exemplo de como a função gerou a forma.

As formas arredondadas que observamos no pátio do Corpo Circular estão presentes também no seu exterior. As frestas rectangulares têm os vãos sem aresta ainda mais pronunciados que os das portas, embora não para evitar contusões, que a este local os doentes não acediam. Cumpriria essa forma a função de melhor fazer penetrar a luz? Certamente, mas se fosse só essa a razão o corte na parede seria em diagonal.

Torna-se evidente que o arredondamento das arestas, quase preponderante e até obsessivo no pátio, é transportado para o exterior do edifício, surgindo claramente autonomizado em linguagem formal e já não sómente adequado à função. Devido ao elevado número de frestas toda esta «maneira» marca a feição exterior do Corpo Circular, e estende-se ainda ao arredondamento, também intencionalmente estético, dos 10 contrafortes que reforçam a parede exterior, e ao arredondamento das janelas exteriores do Refeitório e da Sala de Reunião, cuja horizontalidade anti-clássica, definida por sucessivos arcos abatidos no vão superior, é igualmente de destacar. Essa «maneira» nova e vanguardista, ou mesmo futurista, de intensa plasticidade, tanto no pátio como no exterior do edifício, ilustra o significado do princípio de Louis Sullivan relativo à génese dos estilos em arquitectura: além de formas belas e adequadas à função, além de uma tipologia original gerada pela função, no Pavilhão de Segurança a função gerou uma nova linguagem formal.

Esta inédita e radical linguagem das formas arredondadas e sem aresta, da qual não descortinamos paralelo internacional, em sábia conjugação com as curvas da parede,

do alpendre, do passeio, numa fachada circular interna sem telhado visível e sem platibanda demarcada, quase assume a modernidade dos anos 20 e 30 do século XX. É uma clara ruptura face ao gosto e cânones neo-clássicos e historicistas do tempo, e que em termos de atitude e de transgressão de estilo é lícito integrarmos no então nascente movimento Arte Nova (c.1893 - c.1908), embora a plasticidade concreta desta linguagem, que não obteve continuidade e desenvolvimento em anos subsequentes (como a história da arte mostra relativamente a muitas obras), esteja mais próxima da Arquitectura Moderna.

Se as linhas curvas dos bancos (ou mesmo as frestas ovais e os arcos abatidos das janelas) encontram similitude com a assimetria, fluidez e elegância dos códigos Arte Nova, já o arredondamento dos vãos de portas, frestas e janelas, amplamente rasgado em linha simétrica de quarto de círculo, exprime certamente racionalidade, antecipando elementos do vocabulário Art Deco na Arquitectura Moderna (p. ex. visíveis no imóvel do «Diário de Notícias», 1936, de Pardal Monteiro), e aproximam-se do arredondamento de saliências do design industrial simbolizando a «estética da máquina», quer das décadas de 20 e 30 do século XX (p. ex. mobiliário Bauhaus de estrutura tubular dobrada em quarto de círculo), quer do «Streamline» dos anos 30 (p. ex., rádios, aspiradores, frigoríficos, mobiliário), inspirado no aerodinamismo mas também com objectivos de eficaz limpeza e durabilidade.

De notar ainda no Corpo Circular uma nítida expressividade própria das construções tradicionais e populares do sul do país, mas transfigurada e modernizada, que se manifesta na robustez da alvenaria, na graciosa severidade das molduras de cantaria e na nudez e textura da cal. Tanto mais relevante quanto muitos autores portugueses mimetizavam vernáculos estrangeiros (p. ex. do norte de França), não aplicando o espírito e novidades da época às referências e funcionalidades nacionais, que até hostilizavam.

No que respeita à composição global o edifício ostenta uma articulação particularmente feliz e acertada de espaços e volumes inteiramente simétricos e lógicos, com a racionalidade de um organismo ou de uma máquina, e harmoniza magistralmente o círculo da implantação, do alpendre ou da praça com a rectangularidade sistemática das portas ou das frestas, ao utilizar o arredondamento de arestas como subtil elemento estético integrador. E tudo isto conseguido com uma simplicidade espantosa de recursos. Por contraste intencional, o Corpo Rectangular, classizante, traduz o antigo gosto, oficial, assim como o Quiosque e o portão de ferro de acesso ao pátio-praça, o que confere ao Pavilhão de Segurança um certo hibridismo estilístico, aliás usual em edifícios de transição ou de ruptura, e diverso do eclectismo.

De realçar a importância do edifício no panorama da arquitectura portuguesa do virar do século até hoje conhecida, que embora pontuada por autores e obras de excelente nível, patenteia muito poucos exemplos de vincada originalidade. E o facto de o Pavilhão de Segurança ter permanecido incompreendido e ignorado durante quase cem anos, não incluído sequer em muitos dos levantamentos da cidade de Lisboa, vem demonstrar a urgência da realização de autênticas pesquisas e inventariações históricas das arquitecturas do século XIX e princípios do século XX, que abarquem o país e os sectores assistencial e industrial. Escapando à extensão e propósito desta conferência fica a problemática do arquitecto(s) autor da obra, a questão da funcionalidade real do edifício ao longo dos anos, bem como outras vertentes de análise nem sequer afloradas, de uma investigação que deve prosseguir e ser sujeita a debate.

Este edifício de grande beleza e de mil leituras, contudo, foi durante 104 anos um local de sofrimento e dor, física e sobretudo mental. Local terrível, sobrepondo a prisão e o hospital, e além do mais psiquiátrico. Doentes criminosos agitados, classificados alguns de «furiosos», movidos pelo «delírio da perseguição» e tornados «perseguidores», homens em sofrimento psíquico acentuado, encarcerados e revoltados. Muitas vezes lutavam e resistiam aos enfermeiros e auxiliares que em grupo os tentavam «pegar», para os imobilizar com os coletes de forças ... até à generalização dos psicofármacos nos anos 50 e 60. É um enorme paradoxo para o visitante, intrínseco ao Pavilhão de Segurança e que o torna ainda mais extraordinário: como pode ser belo um espaço de reclusão e dor ?

Sob diversas perspectivas o Pavilhão de Segurança apresenta uma singularidade extrema. Único edifício no país, e porventura em termos internacionais, de estrutura em círculo com pátio-praça a descoberto e torre de vigilância, parcialmente inspirado no sistema panóptico mas submetido a características nacionais, é, noutra vertente, representativo da doutrina médico-científica da época e materializa toda uma concepção de estrita racionalidade, não só clínica como social, e quiçá utópica, indissociável do pensamento de Miguel Bombarda.

Exibe vasta diversidade de soluções gerais ou particulares, algumas de grande criatividade e experimentalismo, com recurso a materiais e técnicas de diferentes tipos e idades, correspondendo historicamente a uma precoce ruptura estilística com o classicismo, integrável no movimento Arte Nova. Construção fechada para o exterior mas aberta para o espaço interior, qual pequeno universo concentracionário, perfeitamente simétrica, lógica e de racionalidade absoluta, de formas originais aliando a beleza e a funcionalidade, é também um notável expoente de como, em arquitectura, a «função» é susceptível de gerar a «forma», evidenciado no geometrismo circular, em múltiplas partes e detalhes, ou na linguagem vanguardista das superfícies arredondadas.

•

**Resumo** – A figura de Miguel Bombarda também ficará ligada à arquitectura. O Pavilhão de Segurança / 8ª Enfermaria, construído para doentes-reclusos no então denominado Hospital de Rilhafoles durante o período da direcção do Prof. Miguel Bombarda, constitui um edifício de excepcional valor arquitectónico. No seguimento da candidatura e estudo apresentado pelo Hospital, esse valor foi reconhecido recentemente pelo IPPAR que o considerou «imóvel em vias de classificação», aguardando-se uma aprovação definitiva a breve trecho. A conferência, resultado da pesquisa e do estudo efectuados sobre o edifício, destaca a originalidade do Pavilhão de Segurança, mesmo no plano internacional, representando um expoente de como, em arquitectura, uma «função» específica e bem definida é susceptível de gerar (ou de ser servida por) uma «forma» de elevado nível estético. Desde a opção por uma planta circular perfeitamente simétrica e com praça interior, porventura influenciada pela arquitectura prisional panóptica mas com características nacionais, até ao desenho arredondado e sem arestas das superfícies de alvenaria, adequado ao estado dos doentes, é toda uma notável concepção de estrita racionalidade, também clínica e social, que se materializou no edifício.

**Abstract** – The name of Miguel Bombarda is also linked to architecture. The pavilion of Security / 8th Infirmary, built for sick prisoners in Rilhafoles Hospital during the period when Bombarda was the director, is a building of an exceptional architectural value. That value was recently recognised by IPPAR, after the application and study presented by the Hospital. It was considered as 'a building about to be classified', and a soon definitive approbation is expected. The lecture is the result of research and study about the building, and it points out its originality, even at an international level. The Pavilion is an exponent of how in architecture a specific and well-defined 'function' may lead to (or be served by) a 'form' of high

aesthetical level. A notable conception of strict rationality, which is also clinical and social, took form in the building – from the option of a circular, perfectly symmetrical plan with an interior square (probably influenced by panoptical prison architecture but having also national characteristics) to the rounded drawing with no edges of the masonry surfaces, adequate to the state of the patients.



(Página deixada propositadamente em branco)

1 Coleção  
Ciências e Culturas  
Coimbra 2006

